



**Pontifícia  
Universidade  
Católica do  
Rio de Janeiro**

**Bruno Pinto de Albuquerque**

**O cristianismo e a alegria:  
teologia bíblica, sistemática e pastoral**

**Monografia de conclusão de curso**

**Departamento de Teologia  
Centro de Teologia e Ciências Humanas**

**Rio de Janeiro**

**2024**



**Pontifícia  
Universidade  
Católica do  
Rio de Janeiro**

**Bruno Pinto de Albuquerque**

**O cristianismo e a alegria:  
teologia bíblica, sistemática e pastoral**

Monografia apresentada ao Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Clara Lucchetti Bingemer  
Departamento de Teologia (PUC-Rio)

Rio de Janeiro

2024

*Eu vos digo isso  
para que a minha alegria esteja em vós  
e vossa alegria seja plena.*

(Evangelho de João 15,11)

## **Resumo**

A conexão intrínseca entre cristianismo e alegria é o tema central do presente trabalho, que se desdobra em três tempos, que destacam, nesta ordem, as contribuições da teologia bíblica, sistemática e pastoral. Partindo da constatação de que a alegria cristã no mundo contemporâneo continua operante e dinâmica, não se procura eximir dos desafios que ela experimenta. Em primeiro lugar, procura-se oferecer um breve percurso pelos fundamentos da alegria na teologia bíblica, destacando o primeiro movimento das Escrituras hebraicas, que salientam a alegria com a criação do mundo e a libertação do povo de Israel, para, na sequência, explorar o segundo movimento das Escrituras cristãs, que exultam com a inauguração do Reino de Deus por Jesus e a experiência com o Ressuscitado. Em segundo lugar, acompanham-se alguns reflexos da alegria na reflexão da teologia sistemática, com destaque para a fé na ressurreição, articulada ao convite para participar da alegria do Cristo de Deus, e para a celebração da vida na comunhão trinitária do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Em terceiro lugar, percorre-se ainda alguns elementos identificados enquanto ressonâncias da alegria na teologia pastoral, sublinhando a tarefa de anunciar a alegria do Evangelho, em articulação com o trabalho de integração entre imanência e transcendência, e a missão de transformar o luto em dança, atravessando as interrogações do mal, da morte e da descrença. Este esboço de travessia terá alcançado sua meta se tiver conseguido despertar e alimentar o desejo de acompanhar o Senhor da alegria.

**Palavras-chave:** Cristianismo; Alegria; Bíblia; Teologia; Pastoral.

## **Abstract**

The intrinsic connection between Christianity and joy is the central theme of the present work, which unfolds in three times, highlighting, in this order, the contributions of biblical, systematic and pastoral theology. Starting from the realization that Christian joy in the contemporary world continues to be operative and dynamic, it does not seek to avoid the challenges it faces. Firstly, the aim is to offer a brief journey through the foundations of joy in biblical theology, accentuating the first movement of the Hebrew Scriptures, which emphasize the joy for the creation of the world and the liberation of the people of Israel, and then exploring in the sequence the second movement of the Christian Scriptures, which rejoice at the inauguration of the Kingdom of God by Jesus and the experience with the Risen Lord. Secondly, some reflections of joy in the reflection of systematic theology are followed, with emphasis on the faith in the resurrection, articulated with the invitation to participate in the joy of the Christ of God, and the celebration of life in the Trinitarian communion of the Father, the Son and the Holy Spirit. Thirdly, some elements identified as resonances of joy in pastoral theology will be looked at, underlining the task of proclaiming the joy of the Gospel, in conjunction with the work of integrating immanence and transcendence, and the mission of transforming mourning into dancing, crossing over the questions of evil, death, and unbelief. This sketch of journey will have reached its goal if it has succeeded to awaken and nourish the desire to accompany the Lord of joy.

**Keywords:** Christianity; Joy; Bible; Theology; Pastoral.

## Sumário

1. Introdução – A alegria cristã no mundo contemporâneo e seus desafios .....	07
2. Fundamentos da alegria na teologia bíblica .....	08
2.1. Escrituras hebraicas: criação do mundo e libertação do povo .....	08
2.2. Escrituras cristãs: inauguração do Reino de Deus e experiência com o Ressuscitado	12
3. Reflexos da alegria na teologia sistemática .....	17
3.1. Fé na ressurreição: participar da alegria do Cristo de Deus .....	17
3.2. Comunhão trinitária: celebrar a vida no Pai, no Filho e no Espírito Santo .....	21
4. Ressonâncias da alegria na teologia pastoral .....	26
4.1. Anunciar a alegria: trabalhar na integração entre imanência e transcendência .....	26
4.2. Transformar o luto em dança: atravessar as interrogações do mal, da morte e da descrença .....	29
5. Considerações finais – Acompanhar o Senhor da alegria .....	34
6. Referências bibliográficas .....	35

## 1. Introdução

### A alegria cristã no mundo contemporâneo e seus desafios

Para a introdução desta monografia, experimentei o desejo de escrever algumas palavras sobre como surgiu o interesse por pesquisar e escrever sobre a alegria no cristianismo. Surge-me à memória um pequeno texto que escrevi anos atrás, intitulado “Uma luz no escuro: sobre alegrar-se com a fé em Deus no mundo contemporâneo”.<sup>1</sup> Tratava-se de uma narrativa de testemunho da participação na celebração do Centenário do Movimento Eucarístico Jovem. O tema do encontro, celebrado em diversos idiomas, marcou o meu coração de uma forma mais significativa do que era capaz de perceber naquele momento, salientando uma frase de Cristo Ressuscitado aos apóstolos: “Para que a minha alegria esteja com vocês” (Jo 15,11).

Encontrava-me, então, em processo de discernimento vocacional junto à Companhia de Jesus, o qual resultaria na eleição de tornar-me um teólogo leigo. Foi durante uma Eucaristia natalina, na conclusão do primeiro ano de estudos teológicos, que experimentei uma alegria muito profunda, a qual me levou a decidir naquele mesmo instante o tema da monografia que escreveria, concluída sete anos depois.

Depois de trabalhar profundamente com o tema do cristianismo e da angústia,<sup>2</sup> escrever sobre a alegria se afigurou enquanto um desafio novo, particularmente, após a terrível tragédia que ceifou a vida de muitas pessoas na cidade de Petrópolis, entre as quais se encontravam meu querido irmão e sua amada esposa. Durante o doloroso trabalho de luto, que desvela ao longo dos anos novas roupagens, acompanhou-me durante um bom tempo este versículo sálmico: “Transformaste o meu luto em dança, tiraste meu pano grosseiro e me cingiste de alegria” (Sl 30[29],12). Em síntese, o texto que agora entrego é antes de tudo o testemunho da minha busca por descobrir como poderia ainda alegrar-me após a dor indizível da morte do meu irmão.

---

<sup>1</sup> Albuquerque, Bruno Pinto de. Uma luz no escuro: sobre alegrar-se com a fé em Deus no mundo contemporâneo. In: *A alegria de ser amado: testemunhos dos jovens brasileiros que participaram do centenário do MEJ em Roma*. São Paulo: Loyola, 2016, p. 97-101.

<sup>2</sup> Albuquerque, Bruno Pinto de. Angústia e amor na teologia e na psicanálise: Oskar Pfister e sua interlocução com Sigmund Freud. *Tese de doutorado* [Orientador: Sidnei Vilmar Noé; Co-orientador: Carlos Domínguez Morano, sj]. Universidade Federal de Juiz de Fora – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. Juiz de Fora, 2022. Cf. Pfister, Oskar. *Christianity and Fear: a Study in History and in the Psychology and Hygiene of Religion* [1944]. London: George Allen & Unwin LTD, 1948.

## 2. Fundamentos da alegria na teologia bíblica

### 2.1. Escrituras hebraicas: criação do mundo e libertação do povo

O tema da alegria pode ser intuído desde as primeiras páginas da Bíblia Hebraica. Quando se abre a Torá ou Pentateuco, encontra-se a narrativa da criação, durante a qual o próprio Deus se alegra a cada dia, ao testemunhar que aquilo que cria é bom (Gn 1,4.10.12.18.21.25). Tendo criado o ser humano, homem e mulher, uma vez mais “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom” (Gn 1,31). Essa tonalidade positiva da antropologia bíblica faz com que o Papa Paulo VI possa afirmar: “Não poderíamos exaltar convenientemente a alegria cristã se permanecêssemos insensíveis ante o testemunho exterior e interior que Deus Criador dá de si mesmo na sua criação”.<sup>3</sup> Com efeito, ele nos recorda que, ao fazer surgir o ser humano no universo, antes mesmo de manifestar-se pessoalmente mediante a Revelação, o Criador “dispôs a inteligência e o coração da sua criatura para o encontro da alegria e, ao mesmo tempo, da verdade”.<sup>4</sup> Deste modo, em nossa caminhada espiritual, é conveniente que possamos “ficar atentos ao apelo que brota do coração da pessoa, logo a partir de sua infância, tornando-a capaz de maravilhar-se, até a velhice serena, como uma expressão do mistério divino”.<sup>5</sup>

Na experiência de sua vocação, Abraão recebe uma injunção e uma promessa de YHWH: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê uma bênção” (Gn 12,1-2). De fato, por ocasião do nascimento de Isaac, Sara exclama: “Deus me deu motivo de riso, todos os que souberem rirão comigo” (Gn 21,6). Ao dispor-se a realizar o sacrifício de seu filho único, e após acolher a interrupção realizada pelo Anjo de YHWH, o Patriarca também se torna capaz de ouvir o alegre anúncio renovado: “Juro por mim mesmo, palavra de YHWH: porque me fizeste isso, porque não me recusaste teu filho, teu único, eu te cumularei de bênçãos, eu te darei uma posteridade tão numerosa quanto as estrelas do céu e quanto a areia que está na praia do mar” (Gn 22,16-17). Apoiado na Bíblia Cristã, Paulo VI sinaliza que em Abraão podemos ler as “primícias proféticas” da alegria cristã: “Ela será depois como que transfigurada, mediante uma experiência de morte, quando esse filho único lhe foi restituído vivo, prefiguração da

---

<sup>3</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 7.

<sup>4</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 7.

<sup>5</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 7. Décadas depois, assim se expressa o Papa Francisco: “O mundo é mais do que um problema a resolver; é um mistério gozoso que contemplamos na alegria e no louvor” (Papa Francisco. Carta Encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 12-13 [LS 12]).

ressurreição daquele que havia de vir: o Filho único de Deus prometido para o sacrifício redentor”.<sup>6</sup>

Na experiência com a sarça ardente, Moisés recebe a missão que YHWH confia-lhe, no contexto da opressão egípcia: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel” (Ex 3,7-8). Após a difícil saída do Egito, Moisés e israelitas entoam um canto de alegria: “Cantarei a YHWH, porque se vestiu de glória [...] YHWH é minha força e meu canto, a ele devo a salvação” (Ex 15,1-2). Também a profetisa Maria, irmã de Aarão, toma nas mãos um tamborim, e as mulheres seguem-lhe dançando, enquanto ela canta: “Cantai a YHWH, pois de glória se vestiu” (Ex 15,20-21). A alegria da salvação se amplia e comunica, ao longo da história do antigo Israel; sempre ameaçada e renascente, ela se origina no amor misericordioso de Deus para com o seu povo muito amado: “Tal é a alegria da Páscoa mosaica, que se tornou figura da libertação escatológica que seria realizada por Jesus Cristo, no contexto pascal da nova e eterna aliança”.<sup>7</sup>

O júbilo pela libertação acompanha o povo de Israel ao longo de sua história, marcando seus textos históricos, sapienciais e proféticos. Durante a reforma de Esdras e Neemias, encontra-se esta bela exortação à alegria, que posteriormente seria incorporada pela liturgia romana: “Não vos aflijais: a alegria de YHWH é a vossa fortaleza!” (Ne 8,10).

Nos livros sapienciais, especialmente no livro dos Salmos, encontram-se belas e numerosas manifestações jubilosas da alegria espiritual. Por meio delas, expressa-se a confiança em YHWH: “põe tua alegria em YHWH e ele realizará os desejos do teu coração” (Sl 37[36],4). O povo vai ao Templo para encontrar-se com Deus: “Eu irei ao altar de Deus, ao Deus que me alegra” (Sl 43,4). YHWH é aquele que liberta do escárnio, da doença e da morte: “Eu te exalto, YHWH, porque me livraste, não deixaste meus inimigos rirem de mim. YHWH, meu Deus, gritei a ti e me curaste. YHWH, tiraste minha vida do Xeol, tu me reavivaste dentre os que descem à cova” (Sl 30[29],2-4). YHWH é a razão da alegria especialmente dos pobres: “Bendirei a YHWH em todo tempo, seu louvor estará sempre nos meus lábios; glorio-me de YHWH: que os pobres ouçam e fiquem alegres” (Sl 34[33],2-3). Ele não os abandona em sua situação de angústia e miséria, mas ao contrário, intervém para transformar sua realidade: “Contemplai-o e estareis radiantes, vosso rosto não ficará envergonhado. Este pobre gritou e

---

<sup>6</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 15. Sobre este ponto, cf. a fala de Jesus em Jo 8,56: “Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu Dia. Ele o viu e encheu-se de alegria!”.

<sup>7</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 16.

YHWH ouviu, salvando-o de suas angústias todas” (Sl 34[33],6-7). Em suma, os justos não têm o que temer: “O justo se alegra com YHWH e nele se abriga. E todos os de coração reto se felicitarão” (Sl 64[63],11). Esta alegria do salmista é sempre bem atual: a “alegria de viver com Deus e para Deus”, aquela “alegria gloriosa e sobrenatural, profetizada em favor da nova Jerusalém resgatada do exílio e amada pelo próprio Deus, com um amor místico”.<sup>8</sup>

O Cântico dos Cânticos conhece esta alegria primaveril, que se segue aos tempos inverniais: “Vê o inverno: já passou! Olha a chuva: já se foi! As flores florescem na terra, o tempo da poda vem vindo, e o canto da rola está-se ouvindo em nosso campo” (Ct 2,10-12). Os Provérbios, por sua vez, mostram com clareza a importância da alegria na vida humana: “Coração contente alegra o semblante, o coração aflito abate o espírito” (Pv 15,13). Esta alegria não depende de fatores externos, mas de uma atitude espiritual: “Todos os dias são desagradáveis para o aflito, para um coração feliz é sempre festa” (Pv 15,15). Ela é também um fruto daqueles que semeiam a paz: “No coração de quem maquina o mal: a fraude; aos conselheiros pacíficos: a alegria” (Pv 12,20).

Quanto ao livro de Eclesiastes, as menções à alegria encontram várias interpretações, desde aquela que concebe o autor enquanto um pregador da alegria, até aquela que vê em Qohélet um crítico da alegria enquanto narcótico que distrai frente à perspectiva da morte. Não há uma contradição entre a desqualificação da alegria, por um lado, e, por outro, a exortação a desfrutá-la.<sup>9</sup> Quando considerada a concepção de uma vida marcada pela fugacidade, são situadas duas maneiras possíveis de vivenciar a alegria: de maneira fútil, ou, em contrapartida, tendo em conta o juízo divino, que marca uma atitude verdadeiramente sábia. Deste modo, a alegria que realmente pode saciar se torna possível para quem vive considerando a condescendência divina, que lhe permite desfrutar do fruto do esforço laboral: “Vai, come teu pão com alegria e bebe o teu vinho com satisfação, porque Deus já aceitou suas obras” (Ecl 9,7). Esta alegria é boa, ainda que passageira, quando está afinada com o sentido desta vida, que consiste em temer a Deus; assim, Deus ocupa o coração do justo com a alegria (cf. Ecl 5,19).

O Eclesiástico articula sabedoria e alegria: “A Sabedoria eleva os seus filhos e cuida dos que a procuram. Os que a amam, amam a vida, os que a procuram desde a manhã ficarão cheios de alegria” (Ecl 4,11-12). Encontra-se a alegria na misericórdia de Deus: “Que a vossa alma

---

<sup>8</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 16.

<sup>9</sup> As reflexões apresentadas neste parágrafo baseiam-se no seguinte artigo: Lima, Maria de Lourdes Corrêa. Alegria e riso em meio à fugacidade da vida: as perspectivas de Eclesiastes/Qohélet 2,1-2; 7,3-6; 10,19 e 11,7-10. *Teología y Vida*, v. 62, n. 2. Santiago de Chile, 2021, p. 159-175.

encontre sua alegria na misericórdia do Senhor, não vos envergonhareis de o louvar” (Eclo 51,29). A alegria é expressão do que se passa no coração: “Um rosto alegre é vestígio de coração satisfeito” (Eclo 13,26). É declarado feliz aquele que se abstém do pecado: “Feliz o homem que não pecou com sua boca e que não foi ferido pelo remorso dos pecados. Feliz aquele cuja consciência não o acusa e aquele que não perdeu sua esperança” (Eclo 14,1-2).<sup>10</sup>

Nos escritos proféticos, pode-se destacar o anúncio da libertação no livro de Isaías: “O povo que andava nas trevas viu uma grande luz, uma luz raiou para os que habitavam uma terra sombria. Multiplicaste o povo, deste-lhe grande alegria; eles alegram-se na tua presença como se alegram os ceifadores na ceifa” (Is 9,1-2). A terra desértica pode se alegrar, pois irá florescer: “Alegram-se o deserto e a terra seca, rejubile-se a estepe e floresça” (Is 35,1). Jerusalém, em seu esplendor, irá se tornar “motivo de alegria, de geração em geração” (Is 60,15). O amor de Deus pelo povo é comparado ao amor sponsal: “Como a alegria do noivo pela sua noiva, tal será a alegria que teu Deus sentirá em ti” (Is 62,5). Declara-se terminado o tempo de luto: “Alegrai-vos com Jerusalém, exultai nela, todos os que a amais; regozijai-vos com ela todos os que por ela estáveis de luto” (Is 66,10).

No livro do profeta Joel, encontra-se uma bela liturgia de luto e de súplica: “A vinha está seca e a figueira está murcha; romãzeira, tamareira, macieira, todas as árvores do campo secaram. Sim, a alegria falta do meio dos homens” (Jl 1,12). Para reconstituir a alegria, apela-se à penitência e à oração: “Não desapareceu o alimento aos nossos olhos, a alegria e o júbilo da casa de nosso Deus?” (Jl 1,16). A resposta de YHWH indica o fim do flagelo e a libertação; o profeta proclama uma visão da abundância: “Não temas, terra, exulta e alegra-te, porque YHWH fez grandes coisas!” (Jl 2,21).

Neste breve percurso pelas Escrituras hebraicas, que de maneira alguma poderia esgotar o tema, percebe-se que a alegria se apresenta vinculada às questões centrais da experiência israelita com Deus. Em particular, destacam-se o deslumbramento com a criação do mundo e o louvor agradecido frente à libertação do povo. Estes elementos continuarão presentes nas Escrituras cristãs, sendo recapitulados e redimensionados frente à explosão da alegria proporcionada pela inauguração do Reino de Deus, e mais, ainda, pela experiência da comunidade primitiva de que o Filho de Deus, Jesus Cristo, foi confirmado pelo Pai, ao ressuscitar dos mortos.

---

<sup>10</sup> Segundo os editores da Bíblia de Jerusalém, este pode ser considerado um prenúncio das bem-aventuranças evangélicas (Bíblia. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 1164).

## 2.2. Escrituras cristãs: inauguração do Reino de Deus e experiência com o Ressuscitado

As múltiplas alegrias humanas proporcionadas pelo Criador e Libertador iluminam também a vida cristã: a exultação com a existência e a vida, o amor honesto e santificado, a paz da natureza e do silêncio, o trabalho empreendido com diligência, a transparência no serviço e na partilha e tantas outras: “O cristão poderá purificá-las, completá-las e sublimá-las: mas nunca poderá menosprezá-las. A alegria cristã supõe uma pessoa capaz de experimentar alegrias naturais. Pois foi a partir delas que, muitas vezes, Cristo anunciou o Reino de Deus”.<sup>11</sup> Neste contexto, a experiência cristã do Espírito Santo inclui uma “paz dada por Deus e que se difunde como uma torrente que transborda”.<sup>12</sup> Para a pessoa cristã, torna-se presente o tempo da consolação aguardada por Israel, que esperava ansiosamente por um Salvador: trata-se da chegada e da presença de Cristo; nesse sentido, ninguém é excluído desta alegria anunciada pelo Anjo, incluindo “a multidão inumerável de todos aqueles que, no decorrer dos tempos, virão a acolher a sua mensagem e a esforçar-se por vivê-la”.<sup>13</sup>

Esta alegria é anunciada pelo anjo Gabriel à Virgem Maria: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” (Lc 1,28). Suas palavras reverberam e aprofundam aquelas transmitidas pelo profeta Sofonias: “Rejubila, filha de Sião, solta gritos de alegria, Israel! Alegra-te e exulta de todo coração, filha de Jerusalém!” (Sf 3,14). Ao acolher a mensagem divina, Maria se torna aquela que, junto a Cristo, recapitula todas as alegrias e “vive a alegria perfeita prometida à Igreja”.<sup>14</sup> É neste contexto que um dos títulos da Mãe de Deus se refere a ela enquanto “causa da nossa alegria” [*causa nostrae laetitiae*],<sup>15</sup> pois, antes de todos os demais, ela recebeu o anúncio da alegria messiânica e, em seu *Magnificat*, entoou o “hino de exultação de todos os humildes”:<sup>16</sup> “Minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito *exulta em Deus em meu Salvador*” (Lc 1,46-47, grifo no original).

Ainda antes de entoar este hino, Maria recebe de sua prima Isabel uma confirmação de que o Menino que ela carrega é motivo de alegria: “Pois quando tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria no meu ventre” (Lc 1,44). É assim que João Batista, antes de nascer, manifesta sua alegria pela vinda do Cristo. Quando adulto, ele poderá dar testemunho desta alegria: “Quem tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que está

---

<sup>11</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 11-12.

<sup>12</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 19.

<sup>13</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 19.

<sup>14</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 32.

<sup>15</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 33.

<sup>16</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 19-20.

presente e o ouve, é tomado de alegria à voz do esposo. Essa é a minha alegria e ela é completa!” (Jo 3,29).

Por ocasião da apresentação de Jesus no Templo, também Simeão (Lc 2,25-32) e Ana (Lc 2,36-38) encontram a oportunidade de expressar sua alegria diante da Criança tão aguardada. Aos doze anos, Jesus causa espanto junto aos doutores, pois “todos os que o ouviam ficavam extasiados com sua inteligência e com suas respostas” (Lc 2,47). Quando Jesus se torna adulto e vai até João ser batizado, uma epifania acontece: ao sair da água, os céus se abrem e ele vê o Espírito de Deus descendo como uma pomba em sua direção, ao mesmo tempo em que uma voz vinda dos céus diz: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3,16-17).

Este amor do Pai ele o transmite alegremente, declarando felizes e bem-aventurados os pobres no espírito, os mansos, os aflitos, os esfomeados e sedentos, os misericordiosos, os puros no coração, os promotores da paz e os perseguidos (Mt 5,1-10). Esta alegria não se interrompe nem mesmo em meio às perseguições: “Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus” (Mt 5,12). Pode-se confirmar, então, o que afirma Paulo VI a respeito das Bem-Aventuranças (Lc 6,20-23): “A mensagem de Jesus promete, antes de todas as outras alegrias, esta alegria exigente”.<sup>17</sup>

Ao inaugurar seu ministério, Jesus surpreende as expectativas quanto ao Messias aguardado por Israel; seu primo João envia seus discípulos para perguntar se ele é mesmo o Messias, e sua resposta é significativa: “Ide contar a João o que ouvis e vedes: *os cegos recuperam a vista*, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os *pobres são evangelizados*” (Mt 11,4-5, grifos no original). É a inauguração do Reino de Deus, que Marcos condensou na seguinte fórmula proclamada por Jesus: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15).

Na sinagoga de Nazaré, Jesus lê a passagem do profeta Isaías: “*O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor*” (Lc 4,18, grifo no original; cf. Is 61,1-2). Terminada a leitura, ele enrola o livro, entrega-o e senta-se; todos os presentes o olham atentos, até que ele lhes diz: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura” (Lc 4,21).

Os relatos de cura mostram, na prática, a alegria de Cristo ao exercer seu ministério, assim como a do povo que o acompanha. Ao curar uma mulher encurvada em dia de sábado, a

---

<sup>17</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 24.

contragosto de seus adversários, “a multidão inteira se alegrava com todas as maravilhas que ele realizava” (Lc 13,17). A missão de Jesus se estende também por meio dos discípulos. Ao retornarem os setenta e dois enviados em missão, estes retornam com alegria: “Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome!” (Lc 10,17). Um ajuste se torna necessário por parte do Mestre, para que se torne claro para os anunciadores o verdadeiro motivo pelo qual se alegrar: “não vos alegreis porque os espíritos se vos submetem; alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão inscritos nos céus” (Lc 10,20). Logo depois, encontra-se a narrativa de uma experiência mística, a alegria de um êxtase: “Naquele momento, ele exultou de alegria sob a ação do Espírito Santo e disse: ‘Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos’” (Lc 10,21).

As parábolas contadas por Jesus mostram esta restituição da alegria aos pobres e sofredores; de modo particular, recorda-se aqui a trilogia das parábolas lucanas da misericórdia. Em primeiro lugar, o convite do pastor que encontra a única ovelha que tinha se perdido das outras noventa e nove: “Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida!” (Lc 15,6), ao que Jesus acrescenta: “Eu vos digo que do mesmo modo haverá mais alegria no céu por um só pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento” (Lc 15,7). Em segundo lugar, a mulher que encontra, após longo esforço de busca, a moeda perdida dentro de casa, chama as amigas e vizinhas para dizer: “Alegrai-vos comigo, porque encontrei a dracma que havia perdido!” (Lc 15,9), ao que Jesus acrescenta: “Eu vos digo que, do mesmo modo, há alegria diante dos anjos de Deus por um só pecador que se arrepende” (Lc 15,10). Em terceiro lugar, o pai misericordioso, que acolhe o filho mais novo, arrependido de ter pedido e gastado antecipadamente sua herança, e imediatamente lhe prepara uma festa: “Ide depressa, trouxe a melhor túnica e revesti-o com ela, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés [...] pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado!” (Lc 15,22-24). Ao filho mais velho, convoca a participar desta alegria, ao invés de deixar-se levar pelo ressentimento: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas era preciso que festejássemos e nos alegrássemos, pois esse teu irmão estava morto e tornou a viver; ele estava perdido e foi reencontrado!” (Lc 15,31-32).

A tradição joanina leva o tema da alegria a um novo patamar, pois, ao se despedir dos discípulos, o que Cristo anuncia é que também nos discípulos habitará a sua própria alegria: “Eu vos digo isso para que a minha alegria esteja em vós e vossa alegria seja plena” (Jo 15,11).<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> A Bíblia de Jerusalém traz em nota de rodapé: “A grande alegria messiânica, a do Filho de Deus” (Bíblia, 2010, p. 1882).

É verdade que ele não procura enganá-los, mas, ao contrário, prepara-os para o que virá a seguir, isto é, a Crucificação: “Em verdade, em verdade, vos digo: chorareis e vos lamentareis, mas o mundo se alegrará. Vós vos entristecereis, mas a vossa tristeza se transformará em alegria” (Jo 16,20).<sup>19</sup> Jesus recorre à metáfora da mulher grávida, quando se aproxima do parto: “Quando a mulher está para dar à luz, entristece-se porque sua hora chegou; quando, porém, dá à luz a criança já não se lembra dos sofrimentos, pela alegria de ter vindo ao mundo um homem” (Jo 16,21).<sup>20</sup> De maneira semelhante, também os discípulos se entristecem com o anúncio da morte de Jesus, mas em breve se alegrarão de uma maneira inaudita: “Também vós, agora, estais tristes; mas vos verei de novo e vosso coração se alegrará e ninguém vos tirará vossa alegria” (Jo 16,22). Em sua oração, antes de ser entregue, Jesus ergue os olhos ao céu e se comunica intimamente com o Pai: “Agora, porém, vou para junto de ti e digo isso ao mundo, a fim de que tenham em si minha plena alegria” (Jo 17,13).

Atravessado o mistério da iniquidade, em sua expressão mais brutal, na Paixão, Jesus aparece ressuscitado aos discípulos, não recordando as dores e sofrimentos que experimentou, mas anunciando: “A paz esteja convosco!” (Jo 20,19). Mostrando-lhes as mãos e o lado, ele promove entusiasmo: “Os discípulos, então, ficaram cheios de alegria por verem o Senhor” (Jo 20,20). Sua ascensão aos céus é acompanhada da bênção aos Apóstolos, que se prostram diante dele e depois retornam a Jerusalém com grande alegria (Lc 24,50-52). O evento de Pentecostes os confirma e fortalece em sua missão, pois tornam-se “repletos do Espírito Santo” (At 2,4). É assim que, ao começar a pregar e a batizar, os Apóstolos anunciam o Evangelho, até que se forme um retrato da primeira comunidade cristã: “Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração” (At 2,46).

Frequentemente as cartas paulinas procuram reanimar a alegria nas comunidades cristãs: “Alegrai-vos sempre” (1Ts 5,16); “Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos!” (Fl 4,4).; “Não tencionamos dominar a vossa fé, mas colaboramos para que tenhais alegria” (2Cor 1,24); “Estou cheio de consolo, transbordo de alegria em toda a nossa tribulação” (2Cor 7,4). Em um esboço de teologia sistemática, a alegria é apresentada enquanto um dos frutos do

---

<sup>19</sup> Assim acrescentam os editores da Bíblia de Jerusalém: “Tristeza da paixão, alegria de rever o Cristo ressuscitado” (Bíblia, 2010, p. 1885).

<sup>20</sup> Também Paulo fará referência à metáfora da mulher em trabalho de parto para expressar o mistério da redenção: “Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente. E não somente ela. Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, suspirando pela redenção do nosso corpo” (Rm 8,22-23).

Espírito Santo: “Mas o fruto do Espírito é amor, *alegria*, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio” (Gl 5,22-23, grifo nosso).

O livro do Apocalipse também oferece um lugar significativo para a alegria; de modo particular, no que se refere à expectativa da Jerusalém celestial: “Alegramo-nos e exultemos, demos glória a Deus, porque estão para realizar-se as núpcias do Cordeiro, e sua esposa já está pronta” (Ap 19,7). As pessoas convidadas para este evento são chamadas felizes: “Felizes aqueles que foram convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro” (Ap 19,9). Cada lágrima encontrará seu fim: “*Ele enxugará toda lágrima dos seus olhos*, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. Sim! As coisas antigas se foram!” (Ap 21,4, grifo no original).

Pode-se apreciar ainda melhor o impacto destas palavras quando se rememoram as palavras do profeta Isaías: “Assim voltarão os que foram libertados por YHWH, chegarão a Sião gritando de alegria, trazendo consigo alegria eterna; o gozo e a alegria os acompanharão, a dor e os gemidos cessarão” (Is 35,10). Desta maneira, ao acompanhar os fundamentos da alegria na tradição bíblica, a fé cristã compreende que aquilo que é apresentado na Primeira Aliança em chave de promessa, realiza-se na Nova Aliança na dinâmica de cumprimento: “Ele fez desaparecer a morte para sempre. O Senhor YHWH enxuga as lágrimas de todos os rostos [...] este é YHWH, em quem esperávamos. Exultemos, alegremo-nos na sua salvação” (Is 25,8-9). Sob esta ótica, pode-se dimensionar de maneira mais clara a alegria dos discípulos ao transmitir o Anúncio, mas também a do próprio Cristo ao deixar o sepulcro vazio.

### 3. Reflexos da alegria na teologia sistemática

#### 3.1. Fé na ressurreição: participar da alegria do Cristo de Deus

As maravilhosas promessas do Primeiro Testamento permitiram conservar a esperança mística do antigo Israel, ao longo de séculos e mesmo em meio a terríveis provações; este legado foi transmitido aos cristãos e nos tornam “devedores de alguns dos mais puros acentos do nosso canto de alegria”.<sup>21</sup> Não obstante, o cristão entende que a plenitude da alegria espiritual está na vida em Cristo: “O sentido último de tão grande profusão de amor redentor só poderá ser manifestado na nova Páscoa e no novo Êxodo. Então o povo de Deus será conduzido, pela morte e ressurreição do Servo sofredor, deste mundo para a Jerusalém celeste”.<sup>22</sup>

Desta forma, o desígnio benevolente do Pai, que começara a se manifestar na história de Israel, encontra em Jesus, o Cristo, a sua realização plena, alegria da qual cada ser humano é convidado a participar: “A alegria cristã é, por essência, participação na alegria insondável, ao mesmo tempo divina e humana, que está no coração de Jesus Cristo glorificado”.<sup>23</sup> Esta alegria pode ser encontrada mesmo em tempos de perseguição e dor, pois também estes são ocasião de encontro e identificação com o Cristo, como se pode ler neste fragmento da Primeira Carta de Pedro: “à medida que participais dos sofrimentos de Cristo, alegrai-vos, para que também na revelação da sua glória possais ter alegria transbordante” (1Pd 4,13).

Desta forma, a pessoa cristã é declarada ainda mais marcada pela alegria do que o justo dos escritos veterotestamentários, uma vez que Cristo realiza as promessas messiânicas e a própria Encarnação “inunda de imensa alegria todos aqueles que a conhecem”.<sup>24</sup> Esta alegria cristã não é dependente do tipo psicológico ou dos acontecimentos da vida de um indivíduo, tampouco exuberância subjetiva ou esquecimento da realidade, mas, emanando da própria união com Cristo por meio da fé, trata-se de um agradecimento pela redenção e de glória ao Criador.<sup>25</sup> Com efeito, alegrar-se no Senhor (cf. Fl 4,4) implica pressupor e reconhecer que “*Deus é a própria alegria*”.<sup>26</sup>

---

<sup>21</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 19.

<sup>22</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 17.

<sup>23</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 15.

<sup>24</sup> Volk, H. Alegria. In: Fries, Heinrich. (Org.). *Dicionário de Teologia: conceitos fundamentais da teologia atual*, volume 1 [Adão – Dogma]. São Paulo: Loyola, 1970, p. 54. Cf. o dito de Jesus sobre o privilégio dos discípulos: “Felizes os olhos que veem o que vós vedes! Pois eu vos digo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vós vedes, mas não viram, ouvir o que ouvís, mas não ouviram” (Lc 10,23-24).

<sup>25</sup> Volk, Alegria, p. 52.

<sup>26</sup> Volk, Alegria, p. 52, grifo no original.

Para os cristãos, a alegria é, neste mundo, um fruto da redenção; junto com a paz e a liberdade, torna-se elemento essencial da realidade salvífica. A alegria limitada e passageira não abrange integralmente o ser humano e nem dura por toda a sua vida, pois repetidas vezes ele se encontra ameaçado de que alguma desgraça lhe possa ocorrer e sabe que em algum momento precisará enfrentar a morte. Mas o fundamento e a essência da alegria cristã indicam que o humano está salvo pela graça de Cristo do abismo do pecado e da morte, a ponto de que se ele se encontra em paz com Deus, pode confiar, no âmago do ser, que sua vida tem sentido, o que possibilita-lhe voltar-se para a criação e alegrar-se com ela.<sup>27</sup>

Dirigidas à alegria, as pessoas são capazes dela até ao íntimo de seu ser, que a Escritura chama coração. Esta destinação para a alegria culmina na alegria em Deus, por meio de um encaminhamento qualitativamente crescente por meio da graça, até a bem-aventurança na visão de Deus.<sup>28</sup> A alegre mensagem cristã da Ressurreição, desta maneira, anuncia a superação do pecado e de suas conseqüências, expressando-se de maneira particular por meio da atuação do Espírito Santo: “A vinda do Espírito Santo em Pentecostes dá aos discípulos a certeza de que o mundo está profundamente transformado em Cristo, apesar da exígua aparência, nesta vida, dos frutos da salvação”.<sup>29</sup> A saborosa alegria pressupõe a “paz da boa consciência” e “provém daquela opção de mover-se na direção de Deus, que orienta a vida”, de modo que se pode afirmar: “Na paz com Deus, o fiel está bem mais próximo da salvação, do que as aparências manifestam”.<sup>30</sup>

É interessante esta observação de que a alegria cristã se encontra presente de maneira eficaz, ainda que os efeitos da redenção no mundo e na pessoa nem sempre sejam reconhecidos. Pode-se pensar que, assim como acolher a verdade da Ressurreição na própria vida pressupõe um ato de fé, também para reconhecer seus sinais no universo e na alma seja necessária esta mesma atitude interior de acolhimento deste mistério revelado e ainda atuante.

Por causa das tribulações da vida presente, a alegria neste mundo tem caráter provisório, mas isto não põe em dúvida a “alegria fundamental do cristão”, uma vez que, “pela adesão a Cristo, mesmo os sofrimentos do tempo presente são transformados”.<sup>31</sup> Pode-se falar, então, de um “estado atual e provisório da redenção”, que “procura sem descanso e com força a sua forma

---

<sup>27</sup> Volk, Alegria, p. 51-54.

<sup>28</sup> Volk, Alegria, p. 52-53.

<sup>29</sup> Volk, Alegria, p. 54.

<sup>30</sup> Volk, Alegria, p. 56.

<sup>31</sup> Volk, Alegria, p. 55.

definitiva na assimilação ao Senhor ressuscitado e glorificado”; por conseguinte, a “forma presente da alegria na esperança não é para se considerar como definitiva”.<sup>32</sup>

Para avançar nesta reflexão sobre a fé na ressurreição, pode ser frutífero salientar a íntima conexão entre cristologia e escatologia.<sup>33</sup> Afinal, ambas estão profundamente articuladas através do eixo central que é a Ressurreição.<sup>34</sup> Por um lado, trata-se de compreender a cristologia à luz da escatologia, concebendo a Encarnação, a missão e a Páscoa de Cristo à luz da história da salvação, que se volta para o horizonte da promessa de instauração do Reino de Deus. Por outro lado, é preciso compreender a escatologia à luz da cristologia, entendendo Cristo enquanto o modelo que, através de seu modo de viver e de morrer, assim como em sua Ressurreição, mostra o Reino de Deus realizado em sua Pessoa, enquanto autorrevelação de Deus. Para os cristãos, a história é um caminho já iluminado pela luz que advém desse horizonte último que é o próprio Cristo, mas que ainda não manifesta completamente a glória da eternidade. Deste modo, a aproximação entre as reflexões cristológicas e escatológicas favorece que a reflexão teológica sobre os Novíssimos esteja enraizada na pregação e na prática de Jesus.

O próprio ato de morrer, com Cristo e em Cristo, é vivido pela pessoa cristã enquanto ato de entrega.<sup>35</sup> Tendo a morte enquanto um dado certo em sua vida, o ser humano é chamado a viver e a morrer dignamente. Ao saber-se limitado, é convocado a viver intensamente a própria história. Neste contexto, a morte significa o fim de uma etapa, que envolve toda a realidade da pessoa, em seus aspectos biológicos, psicológicos e espirituais. Mesmo que se possa abordar o fenômeno da morte de maneira multifacetada, resta sempre a ele um tom de mistério e de estranheza, de insegurança e sacralidade, diante do qual fazemos silêncio e prestamos reverência perante aquilo que, na fé, acolhemos enquanto uma passagem.

Antropologicamente, a morte pode ser compreendida como o último ato humano, pois se constitui como uma experiência única, que precisa ser vivida por cada pessoa, na qual entra em cena a sua opção fundamental e a profundidade tanto de sua interioridade quanto de sua intimidade com a alteridade dos irmãos e irmãs e da Alteridade de Deus, o Totalmente Outro, para quem o cristão endereça todo o seu respirar, pois Nele “vivemos, nos movemos e existimos” (At 17,28). Portanto, a morte na perspectiva cristã é morrer com Cristo e em Cristo,

---

<sup>32</sup> Volk, Alegria, p. 55.

<sup>33</sup> As reflexões de caráter escatológico apresentadas aqui foram construídas no contexto da disciplina “Escatologia”, ministrada pelo teólogo Cesar Kuzma, na Graduação em Teologia da PUC-Rio, no semestre 2019.1.

<sup>34</sup> O presente parágrafo se baseia na seguinte referência: Susin, Luiz Carlos. Entre céus e terra, entre tempo e eternidade. In: *O tempo e a eternidade: a escatologia da criação*. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 15-37.

<sup>35</sup> Este parágrafo e os dois que lhe seguem foram elaborados em diálogo com o seguinte texto: Nocke, Franz-Josef. Escatologia. In: Schneider, Theodor. [Org.]. *Manual de dogmática*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

na medida em que o fiel une a própria morte à morte do Crucificado, interpretando, na fé, que a morte é mais do que um dado biológico, pois possui uma intenção escatológica. Trata-se, com efeito, de um último ato de entrega Àquele de quem em sua vida ouviu um chamado, a consumação de seu caminhar na direção de Quem foi buscando se aproximar ao longo do tempo, cuja voz procurou cada vez mais discernir, para melhor amar e servir.

Falar da morte em perspectiva cristã, portanto, implica em falar da vida cristã, pois a maneira como se experimenta a morte é o resultado de como se construiu a vida, lentamente, na esperança de caminhar na direção Daquele por quem fomos criados e redimidos, até o momento da entrega total e definitiva. Morrer é se entregar ao mistério do Deus de amor, na confiança de que a solidão se transforma em comunhão com o Cristo, que, humilhando-se até nós, em um movimento kenótico, veio nos buscar para sermos acolhidos dentro do próprio coração da vida divina e trinitária, onde Deus dança e nos convida a dançar em suas moradas eternas. Este convite, feito a todos os seres humanos, deixa claro que a esperança cristã não é individualista, mas não anula as individualidades, considerando ao mesmo tempo as dimensões coletiva e individual.

Considerada improvável no contexto da racionalidade moderna, a Ressurreição é um dado da fé, ancorado na experiência cristã e no testemunho do encontro dos Apóstolos com o Ressuscitado, que ilumina toda a história com a sua luz fulgurante. A Igreja nasce do evento da Ressurreição, que não é empiricamente comprovável, mas é transmitido através de um anúncio cuja autoridade é considerada fidedigna. A chave de interpretação teológica da história está no evento-Cristo, o Crucificado-Ressuscitado. Sendo assim, o viver e o morrer cristãos se encontram imbuídos da ótica e do influxo salvífico deste acontecimento radical que é a Ressurreição, que atravessa o tempo e o espaço e irrompe para a eternidade de Deus.

Com efeito, os Evangelhos não apresentam uma narrativa da Ressurreição em si mesma, e sim quatro diferentes narrativas dos encontros com o Ressuscitado, que foram escritas pelo menos quatro décadas depois dos fatos e narradas para responder a questões comunitárias e missionárias.<sup>36</sup> A fé em Cristo Ressuscitado abre o caminho para a esperança, mas não nega o sofrimento e nem oferece uma escapatória fácil à crueza da vida.<sup>37</sup> A Ressurreição confirma a missão de Jesus, que moldou toda a sua vida com entrega e sacrifício.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> Estrada Díaz, Juan Antonio. *Las muertes de Dios: ateísmo y espiritualidad*. Madrid: Trotta, 2018, p. 132.

<sup>37</sup> Estrada Díaz, *Las muertes de Dios*, p. 133.

<sup>38</sup> Estrada Díaz, *Las muertes de Dios*, p. 165. Um panorama mais consistente das ideias de Estrada Díaz foi apresentado oralmente em um evento científico: Albuquerque, Bruno Pinto de; Bingemer, Maria Clara Lucchetti. *New approaches on the dialogue between believers and non-believers in contemporary Europe*. *European*

Deste modo, a morte cristã é um ato de abandono total na graça, movido pela fé, que nos leva a esperar que aconteça conosco o que aconteceu com o Cristo. Da mesma forma, o futuro que se manifesta no presente nos convoca a transformar o presente à luz do futuro, antecipando, ainda que imperfeitamente, a Ressurreição. Este processo de cristificação implica em nos colocarmos diante de Deus com humildade, de todo o nosso coração, entrando em um profundo processo de humanização, próprio da dinâmica da Encarnação, por meio de uma experiência mística que fundamenta uma práxis condizente com a atitude kenótica de Cristo:

Ele [Cristo], estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz. Por isso Deus soberanamente o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome, a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, sobre a terra e debaixo da terra, e que toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo para a glória de Deus Pai (Fl 2,6-11).<sup>39</sup>

Neste movimento de abaixamento-elevação, a Ressurreição pode ser abordada em uma ótica processual, enquanto processo que engloba toda a existência histórica de uma pessoa, até desembocar na eternidade. Assim como se morre um pouco a cada dia, também se pode experimentar que se ressuscita um pouco a cada dia, à medida que o fiel abre seu coração para a atuação salvífica e transformadora da graça. Nesta direção, a processualidade da Ressurreição se encontra de algum modo relacionada à performatividade escatológica, na medida em que esta sublinha a importância de assumir movimentos históricos e concretos à luz da Revelação, em vista da construção do Reino. Tal como o Ressuscitado traz as marcas da história do Crucificado, assim também nós, peregrinos, já somos em alguma medida portadores da paz e da alegria que o Cristo livremente ofertou, após a sua Passagem, em seu reencontro com os discípulos.

### **3.2. Comunhão trinitária: celebrar a vida no Pai, no Filho e no Espírito Santo**

Em sua vida terrena, Jesus experimentou profundamente a alegria humana: “Ele conheceu, apreciou e celebrou realmente, de maneira clara, toda uma gama de alegrias

---

*Academy of Religion 4th Annual Conference – Panel: Challenges and paradoxes of post-secularity in Europe: religious, social, and cultural transformations in a secular frame. Münster, August 30<sup>th</sup> – September 2<sup>nd</sup> 2021.*

<sup>39</sup> Cf. tb. Hb 12,2: “Jesus, que, em vez da alegria que lhe foi proposta, sofreu a cruz”.

humanas, dessas alegrias simples do dia-a-dia, que estão ao alcance de todos”.<sup>40</sup> Entretanto, a fonte mais original da sua alegria provinha do próprio Pai. Este “segredo da alegria insondável que estava em Jesus Cristo, e que lhe é própria”, pode ser encontrado sobretudo no Evangelho de João, que “levanta um pouco o véu de tal segredo, ao referir-nos as palavras ditas em intimidade pelo Filho de Deus feito homem” e que nos leva a concluir: “Se Jesus, de fato, irradia tanta serenidade, segurança, alegria e disponibilidade, é por causa do amor inefável com que ele sabe ser amado pelo Pai”.<sup>41</sup> Com efeito, o Pai se doa ao Filho em um “impulso de generosidade jubilosa”, enquanto o Filho se doa ao Pai com um “impulso de gratidão alegre, no Espírito Santo”.<sup>42</sup>

O Ressuscitado não mede esforços para comunicar sua alegria à comunidade cristã: “Eu vos digo isso para que a minha alegria esteja em vós e vossa alegria seja plena” (Jo 15,11). Esta transmissão da alegria acontece justamente no contexto em que Jesus compara a si mesmo à verdadeira videira e o Pai ao agricultor (Jo 15,1). Os discípulos são os ramos enxertados na videira, condição para que produzam fruto; nesse contexto, a categoria do permanecer em Cristo se mostra fundamental no Evangelho de João: “Eu sou a videira e vós os ramos. Aquele que permanece em mim e eu nele produz muito fruto; porque, sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5). É por meio desta ligação vital com Cristo que o cristão glorifica ao Pai ao produzir frutos: “Meu Pai é glorificado quando produzis muito fruto e vos tornais meus discípulos” (Jo 15,8). Tal vinculação entre o Pai e o Filho e destes com os cristãos consiste fundamentalmente em amor: “Assim como o Pai me amou também eu vos amei. Permaneci em meu amor” (Jo 15,9).

Ora, a Primeira Carta de João chega a afirmar: “Deus é Amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele” (1Jo 4,16). Há uma conexão profunda entre o amor a Deus e ao próximo: “Amados, amemo-nos uns aos outros, pois o amor vem de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conheceu a Deus, porque Deus é Amor” (1Jo 4,7-8). Este vínculo é de tal modo inseparável que o autor da epístola é capaz de escrever: “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar” (1Jo 4,20). Em suma, amar encontra-se a tal ponto vinculado à vida que não amar implica em morte: “Aquele que não ama permanece na morte” (1Jo 4,14). Em suma, este amor de Deus se

---

<sup>40</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 20.

<sup>41</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 22. Sobre as particularidades do Evangelho de João, especialmente no que se refere à cristologia enquanto caminho para a Revelação da Trindade, cf. Albuquerque, Bruno Pinto de; Bingemer, Maria Clara Lucchetti. A elaboração cristológica enquanto via para a Revelação Trinitária no Evangelho de João. *TeoPraxis*, v.1. Rio de Janeiro, 2021, p. 56-64.

<sup>42</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 24.

revela por meio de Cristo: “Nisto se manifestou o amor de Deus por nós: Deus enviou o seu Filho único ao mundo para que vivamos por ele” (1Jo 4,9). E, mais, ainda: é o Espírito Santo que nos possibilita permanecer em Cristo: “Nisto reconhecemos que permanecemos nele e ele em nós: ele nos deu seu Espírito. E nós contemplamos e testemunhamos que o Pai enviou seu Filho como Salvador do mundo” (1Jo 4,13-14).

Pode-se, afirmar, portanto, com propriedade: “O próprio Cristo na sua humanidade, mas principalmente na consciência da própria divindade, está imerso na alegria trinitária”.<sup>43</sup> Revela-se, assim, a comunhão trinitária, que convida cada fiel a celebrar a vida no Pai, no Filho e no Espírito Santo. A própria vida da Trindade consiste em pura alegria: “Estas realizações pessoais, pelas quais as Pessoas divinas possuem a divina natureza e se voltam uma para a outra de maneira pessoal, constituem a vida divina, a alegria e a beatitude de Deus”.<sup>44</sup>

O mistério da Trindade é central na fé cristã.<sup>45</sup> Crer em Deus Pai, para o cristianismo, significa depositar a sua fé em um único Deus, transcendente e “mistério fontal do qual tudo provém e ao qual tudo retorna”.<sup>46</sup> Crer em Deus Filho implica acolher Jesus pela fé enquanto o próprio Deus encarnado.<sup>47</sup> Crer em Deus Espírito Santo consiste em entrar na dinâmica de amor entre o Pai e o Filho, tornando o fiel capaz de chamar Deus de *Abbá* e Cristo de Senhor: “O Filho só revela o Pai na glorificação, pelo Espírito. E a comunidade cristã só reconhece e proclama o homem Jesus como Filho de Deus após a Ressurreição, pelo Espírito”.<sup>48</sup> Este mistério de comunhão com as Pessoas divinas é ofertado na lógica da gratuidade, do amor e do dom.<sup>49</sup> Configura-se, portanto, enquanto um veículo da alegria: “Todos os mistérios da vida cristã, na medida em que são valores absolutos e nos põem em contato especial com Deus, são veículos especiais de alegria”.<sup>50</sup>

Pode-se destacar, assim, de maneira particular, a conexão entre a alegria cristã e a Trindade: “A vida cristã é, portanto, alegria, antes de tudo porque implica novas relações íntimas e comunhão de vida com a família trinitária, princípio fundamental de toda alegria e bem-aventurança”.<sup>51</sup> Assim, toda a Trindade está empenhada em trabalhar pela alegria da

---

<sup>43</sup> Volk, *Alegria*, p. 54.

<sup>44</sup> Volk, 1970, p. 52.

<sup>45</sup> Cf. Rahner, Karl. A exigência de uma “fórmula breve” da fé cristã. *Concilium* – Revista Internacional de Teologia, v. 3, f. 23, mar. 1967, p. 62-73

<sup>46</sup> Bingemer, Maria Clara Lucchetti; Feller, Vítor Galdino. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas/Valencia: Siquem, 2009, p. 18.

<sup>47</sup> Bingemer; Feller, *Deus Trindade*, p. 19.

<sup>48</sup> Bingemer; Feller, *Deus Trindade*, p. 20.

<sup>49</sup> Bingemer; Feller, *Deus Trindade*, p. 21.

<sup>50</sup> Dagnino, Amato. Alegria. In: Ancilli, Ermanno; Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum. (Orgs.). *Dicionário de espiritualidade*, v. 1 [1990]. São Paulo: Loyola, 2012, p. 90.

<sup>51</sup> Dagnino, *Alegria*, p. 90.

humanidade: o Pai envia seu Filho, para que, no Espírito e com o Espírito, a humanidade dispersa seja reconduzida ao Pai, termo final da obra redentora.<sup>52</sup> Ora, o Espírito Santo é o “motivo de alegria mais íntimo e mais formal”.<sup>53</sup> Mobilizado intimamente pelo Espírito, o cristão não se intimida, porque experimenta que “é toda a Trindade, de fato, que milita por ele”.<sup>54</sup>

Para o cristão, o “motivo fundamental da alegria” consiste na vivência de que “o batizado é absorvido no círculo íntimo da própria vida das três Pessoas divinas”.<sup>55</sup> Acolhendo o batismo, com a virtude infusa da esperança, o fiel recebe uma tendência dinâmica infusa para a outra vida, experimentando uma profunda modificação interior no que tange à valorização do tempo e da matéria e ampliando sua concepção da vida, que passa a ser compreendida enquanto “véspera da eternidade”: o “verdadeiro” tempo é aquele que se perpetua na eternidade; “a vida presente torna-se a véspera de uma grande festa e, portanto, alegre e impaciente expectativa”.<sup>56</sup> A alegria mostra-se, então, um elemento nuclear da mística cristã, em sua dimensão de inefabilidade: “Uma das características singulares e incomunicáveis da vida cristã deverá ser a de se tornar inacessível a tudo aquilo que tem sabor de melancolia, de desconfiança ou de desânimo”.<sup>57</sup> Extraíndo desta informação as suas máximas consequências, pode-se com razão afirmar: “Nada é mais anticristão que a tristeza, assim como nada é mais autenticamente cristão que a alegria: o cristão é apóstolo e difusor da alegria”.<sup>58</sup> De fato, nos Atos dos Apóstolos, os discípulos experimentam alegria por serem dignos de sofrer pelo Nome (At 5,41; 4,12; Lc 24,46).

Enquanto sinal da vida cristã, a alegria é celebrada amplamente na liturgia, especialmente na Eucaristia dominical, quando se festeja o dia da ressurreição de Cristo, “em agradecimento pela transformação da nossa situação perante Deus, realizada pela própria ressurreição”.<sup>59</sup> Em contexto litúrgico, a alegria cristã encontra expressão particularmente no Glória, no Aleluia, na Proclamação da Páscoa (Exsultet), no Magnificat e no Benedictus: “Para o cristão, que crê, é impossível separar da sua vida a alegria das festas litúrgicas”.<sup>60</sup>

---

<sup>52</sup> Dagnino, *Alegria*, p. 90.

<sup>53</sup> Dagnino, *Alegria*, p. 90-91. O Espírito já foi denominado “a alegria de Deus em Pessoa” (Volk, 1970, p. 52).

<sup>54</sup> Dagnino, *Alegria*, p. 92.

<sup>55</sup> Dagnino, *Alegria*, p. 90.

<sup>56</sup> Dagnino, *Alegria*, p. 91-92.

<sup>57</sup> Dagnino, *Alegria*, p. 91.

<sup>58</sup> Dagnino, *Alegria*, p. 91. Ele acrescentará mais adiante: “Não haverá, portanto, nada de mais anticristão que a desconfiança, o desânimo e o cansaço” (Dagnino, *Alegria*, p. 92).

<sup>59</sup> Volk, 1970, p. 55.

<sup>60</sup> Volk, 1970, p. 55-56.

Todos os dias, perto da hora de dormir, a Igreja celebra na Liturgia das Horas a oração das Completas, na qual consta o belo cântico de Simeão. Ela sabe que, conhecendo a Cristo, seu coração também pode descansar em paz: “Agora, Soberano Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque meus olhos viram tua salvação, que preparaste em face de todos os povos, luz para iluminar as nações, e glória de teu povo, Israel” (Lc 2,29-32). Desse modo, a centralidade da alegria litúrgica é marcada por uma conexão intrínseca entre alegria eucarística e alegria escatológica:

Na vida dos filhos da Igreja, uma tal participação na alegria do Senhor não é separável da celebração do Mistério eucarístico, no qual eles são alimentados e dessedentados pelo Corpo e Sangue do mesmo Senhor. E, bem sustentados, assim, quais viandantes na estrada da eternidade, eles recebem já, sacramentalmente, as primícias da alegria escatológica.<sup>61</sup>

---

<sup>61</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 37.

## 4. Ressonâncias da alegria na teologia pastoral

### 4.1. Anunciar a alegria: trabalhar na integração entre imanência e transcendência

A alegria mística da qual a pessoa cristã desfruta no encontro com o Ressuscitado é acompanhada por um profundo movimento de transformação interior e exterior. Assim como a maioria daqueles e daquelas que se encontram com Jesus nos Evangelhos colocam-se a anunciá-lo, também os Apóstolos, ao receberem o Espírito Santo em Pentecostes, imediatamente se dirigem às variadas nações e línguas, anunciando que Cristo é o Senhor. Este serviço de evangelização traz consigo uma doce e reconfortante alegria: anunciar uma eterna novidade.<sup>62</sup> Em suma, a alegria do Evangelho é uma alegria missionária.<sup>63</sup>

Nesta direção, o sofrimento não deve impedir de falar da alegria e de esperar por ela: “Pelo contrário, é na infelicidade que as pessoas do nosso tempo precisam conhecer a alegria e ouvir o seu cântico. Nós nos compadecemos profundamente do sofrimento daqueles sobre os quais a miséria e os sofrimentos de todo espécie lançam um véu de tristeza”.<sup>64</sup> A alegria cristã e o amor ao próximo encontram-se, deste modo, profundamente articulados: “que estejamos bem de sobreaviso para não descurar este dever primordial do amor ao próximo, sem o qual não nos seria oportuno falar de alegria”.<sup>65</sup>

A dificuldade de enfrentar o sofrimento pode se tornar ainda maior quando a pessoa humana experimenta o desalento de que o sentido da vida lhe escapa, que não pode estar segura de si mesma, de sua vocação e de seu destino transcendentais.<sup>66</sup> Com efeito, experimentar a verdadeira alegria espiritual requer afastar-se do pecado e viver na presença de Deus; se, por um lado, a Revelação torna possível a abertura desta perspectiva, por outro, a graça pode operar esta conversão.<sup>67</sup> É neste encontro entre natureza humana e graça divina que a alegria santificante pode desabrochar e trazer frutos.

A alegria no Espírito nem sempre é facilmente reconhecível, ainda mais em um tempo “ameaçado pela ilusão da falsa felicidade”; a resistência a acolhê-la se manifesta em um mundo

---

<sup>62</sup> Papa Francisco. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: a alegria do Evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 10-14.

<sup>63</sup> Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, p. 20.

<sup>64</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 10. Nesta direção, afirma também o Papa João Paulo II: “O homem é destinado à alegria, mas todos os dias experimenta variadíssimas formas de sofrimento e de dor” (Papa João Paulo II. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christifideles Laici: Sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo* [1988]. 16. ed. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 151).

<sup>65</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 11.

<sup>66</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 12.

<sup>67</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 12-13.

que “considera apenas a aflição e a pobreza do discípulo, enquanto que este permanece sempre, no mais íntimo de si mesmo, na alegria, porque ele está em comunhão com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo”.<sup>68</sup>

Sendo a pastoral eclesial na contemporaneidade é chamada a reconhecer estas e outras complexidades dos diferentes contextos históricos, culturais, sociais e econômicos em que as comunidades cristãs estão inseridas, pode-se também acolher com alegria a proposta de uma antropologia teológica integral.<sup>69</sup> Somando esforços com o movimento de superação dos dualismos que marcam de maneira determinante tantos aspectos da espiritualidade cristã, poderia-se pensar em uma incorporação mais consistente da dimensão dos sentidos ao anúncio da evangelização, conforme propõe o teólogo jesuíta alemão Josef Sudbrack: “Falta *concretude* em muitas teorias sobre a alegria cristã. O horizonte da alegria escatológica (céu, paraíso) se desvanece, se não for apresentado de maneira experimentável nas situações da vida”.<sup>70</sup>

Ao refletir sobre a alegria no contexto da antropologia pastoral, o autor argumenta que ela pode ser provada quando existe aderência às realidades sensíveis, o que é bem conhecido nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, assim como na arte sacra de todos os tempos.<sup>71</sup> Nesta metodologia pastoral, a alegria espiritual não é vista em chave de oposição, mas sim de complementação à alegria dos sentidos; pode-se falar, então, da tarefa de “*exercitar-se na alegria*”, despertando a própria sensibilidade para os acontecimentos e encontros que nos fazem felizes, mas também a disposição para ir além do elemento sensorial, incluindo os valores éticos e a esperança religiosa.<sup>72</sup>

Neste projeto, seria preciso reconhecer a fragmentação substancial de toda experiência humana da alegria, o que determina uma espécie de economia da alegria, cujo aspecto não deixará de apresentar uma certa sobriedade.<sup>73</sup> Além disso, é importante reconhecer a variabilidade e a multiplicidade das experiências possíveis da alegria, que pode advir, por exemplo, da própria capacidade criativa, das diferentes etapas da vida (a alegria da infância, da juventude e da maturidade) ou dos diversos contextos culturais (a alegria do africano, do

---

<sup>68</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 29.

<sup>69</sup> García-Rubio, Alfonso. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2001.

<sup>70</sup> Sudbrack, Josef. Gioia. In: Gastager, H. et al. *Dizionario pratico di antropologia pastorale* [1975]. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 1980, p. 479, grifo no original.

<sup>71</sup> Sudbrack, Gioia, p. 479. Cf. a conhecida máxima de Inácio: “Pois não é o muito saber que sacia e satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear as coisas internamente” (Inácio de Loyola, Santo. *Exercícios espirituais*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2015, p. 11).

<sup>72</sup> Sudbrack, Gioia, p. 479, grifo no original.

<sup>73</sup> Sudbrack, Gioia, p. 478.

nórdico, do indiano).<sup>74</sup> Estas não são formas marginais de manifestação de uma alegria que continua sempre a mesma; na realidade, a alegria comparece justamente nesta multiplicidade.<sup>75</sup> Desta maneira, é importante maturar a consciência pastoral de que também a alegria religiosa em seu ápice conserva características pessoais e dialógicas.<sup>76</sup>

A experiência à qual se refere com o termo “alegria” é vasta, complexa e radica no âmbito pessoal (onde pode coincidir com o bem moral). Ela pode ser definida enquanto “*experiência de equilíbrio e sensação de harmonia*”, incluindo tanto o sentimento imanente de bem-estar quanto aquele transcendente de espera ativa na aspiração e busca de um objetivo.<sup>77</sup> Deste modo, a alegria da religião cristã tem por objeto motivante Deus, a experiência de Deus, o próprio ser orientado a Deus, apresentando-se enquanto soma e promessa das múltiplas experiências alegres do humano. A alegria pela palavra, em um mundo no qual as palavras estão se tornando frias portadores de informações, torna-se indispensável para um conhecimento concreto do cristianismo; nesse contexto, a pastoral poderia conectar-se aos literatos, linguistas, filósofos, dentre outros especialistas.<sup>78</sup>

Esta pastoral dos sentidos humanos pode prestar grandes serviços, tal como se verificam nas preciosas pistas deixadas pela literatura mística: “*ouvir-música-harmonia; ver-imagem-encontro; saborear-doçura-identidade; tatear-palpável-real; respirar-espço cósmico-unidade, etc.*”.<sup>79</sup> Esta atenção à sensibilidade contribui de maneira eficaz para a superação do caráter triste de alguns dos endereços pastorais, que se encontra em nítida contradição com uma antiga espiritualidade, na qual a consolação, ou seja, a experiência da alegria, era elemento normativo.<sup>80</sup> A pastoral tampouco deveria insistir na separação ou no contraste da alegria religiosa em relação às outras alegrias humanas, como também aconteceu na história da espiritualidade, mas sim demonstrar uma força necessária para integrar alegria e sofrimento.<sup>81</sup>

Se o problema da alegria é o mais importante, aquele do *sofrimento* é o mais urgente. E a solução não é o desespero, com a condição de estarmos conscientes de que também aqui toda alegria aponta para além de si mesma, sendo uma promessa de alegria futura e integral, e, portanto, implica sempre o sofrer próprio da espera.<sup>82</sup>

---

<sup>74</sup> Sudbrack, Gioia, p. 478.

<sup>75</sup> Sudbrack, Gioia, p. 478.

<sup>76</sup> Sudbrack, Gioia, p. 478.

<sup>77</sup> Sudbrack, Josef; Gioia, p. 476-477, grifos no original.

<sup>78</sup> Sudbrack, Gioia, p. 479. Cf. nesse sentido a Carta do Santo Padre Francisco sobre o papel da literatura na educação (2024).

<sup>79</sup> Sudbrack, Gioia, p. 479, grifos no original.

<sup>80</sup> Sudbrack, Gioia, p. 479.

<sup>81</sup> Sudbrack, Gioia, p. 480.

<sup>82</sup> Sudbrack, Gioia, p. 479-480, grifo no original.

## 4.2. Transformar o luto em dança: atravessar as interrogações do mal, da morte e da descrença

Definitivamente e com grande júbilo, o cristão une-se ao canto do salmista, para afirmar a sua fé em um Deus que é capaz de transformar o pranto em festa: “Transformaste o meu luto em dança, tiraste meu pano grosseiro e me cingiste de alegria. Por isso meu coração te cantará sem mais calar. YHWH, meu Deus, eu te louvarei para sempre” (Sl 30[29],12-13).<sup>83</sup> Mas é preciso observar que, assim como os antigos israelitas, também os cristãos não deixam de reconhecer a presença do luto e da tristeza. Se não se defrontasse com as interrogações do mal e da morte, a alegria cristã inevitavelmente se mostraria uma alegria alienada, em contradição com a realidade, na qual se constatam, de maneira inequívoca, o sofrimento, a dor, a miséria, a finitude. Quanto a estas questões cruciais para a existência humana, a pessoa cristã conta com nada mais, nada menos, do que o testemunho do próprio Jesus de Nazaré, sua atitude frente ao mal e sua passagem da morte de Cruz à Ressurreição.<sup>84</sup>

A história da antropologia teológica demonstra que a questão da origem do mal e do enigma da morte ocupam um lugar importante enquanto interrogações às doutrinas da criação e da graça.<sup>85</sup> Em sua obra *Teologia da criação*, Juan Luiz Ruiz de la Peña defende que uma das tarefas-chave da teologia não consiste propriamente em explicar o mal, mas em indagar se e como se torna possível crer a partir da experiência do mistério do mal (*mysterium iniquitatis*), que se encontra em íntima conexão com a vida de Jesus o qual, mais do que ninguém, acreditou a partir da experiência do mal.<sup>86</sup>

Segundo o teólogo espanhol, a resposta de Deus frente ao problema do mal não é um discurso, como pareciam esperar as figuras bíblicas do livro de Jó, mas sim a própria vida de Jesus, o Verbo que se fez carne. Com efeito, a leitura dos Evangelhos demonstra que Jesus parece compreender o duelo mortal contra o demônio enquanto uma dimensão fundamental de seu ministério. Nas diversas narrativas de enfrentamento da realidade satânica, Jesus não

---

<sup>83</sup> A beleza e intensidade destes versículos se tornam ainda mais claras quando se os contrapõem aos tempos difíceis narrados em Lm 5,15: “A alegria desapareceu de nosso coração, / converteu-se em luto a nossa dança”.

<sup>84</sup> Procura-se condensar, na sequência, algumas reflexões da primeira parte de um texto apresentado em um evento científico da área de Ciências de Religião e Teologia, mais especificamente no contexto do Grupo de Trabalho intitulado “Teologia sistemática: questões emergentes”: Albuquerque, Bruno. A psicanálise em face do mal e da morte: algumas questões para a antropologia teológica. Trabalho apresentado no VIII Congresso da ANPTECRE – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião, 2021.

<sup>85</sup> Tal discussão encontra um polo centralizador no debate a respeito da doutrina do pecado original (cf. García-Rubio, Unidade na pluralidade, p. 623-662).

<sup>86</sup> Ruiz de la Peña, Juan Luiz. *Teología de la creación*. 6. ed. Santander: Sal Terrae, 1988, p. 158-159.

trivializa o mal, mas, ao contrário, reconhece sua envergadura tremendamente séria e poderosamente devastadora.<sup>87</sup>

Mas é preciso também reconhecer que, por outro lado, Jesus não se deixa paralisar pelo mistério do mal, mas, ao contrário, mostra-se capaz de contemplar a beleza da criação e responde aos poderes malignos fundamentalmente por meio do amor ao ser humano e à realidade. Sua novidade consiste não em amar somente o que há de bom e perfeito, mas em amar de maneira especial justamente as pessoas menos amáveis (pecadores públicos, leprosos, pobres, ignorantes), que não poderiam oferecer nada em troca. Junto a este amor acompanha a fé: Jesus acredita em Deus não apesar do mal ou à sua margem, mas a partir da experiência do mal, em uma atitude menos ascética do que mística. Assim, para o cristão, o símbolo máximo da realidade do mal é a Cruz, mas o místico compreende que esta é uma realidade em êxodo, cujo destino último é a Ressurreição.<sup>88</sup>

Portanto, a fé cristã encara o mal não enquanto um problema a ser solucionado antes do ato de crer em Deus, mas justamente a situação na qual Deus se revelou, vencendo o mal de maneira solidária e transmutando-o em semente de Ressurreição. Deste modo, o foco não se encontra na investigação do mal enquanto problema teórico, mas no seu enfrentamento, enquanto questão vivencial, em duas frentes. Em primeiro lugar, crer a partir do mal significa crer a partir da esperança na vitória sobre ele; em termos da cristologia, crer a partir da Cruz significa crer a partir da esperança na Ressurreição. Em segundo lugar, crer a partir do mal implica colocar-se contra o mal experimentado; em termos da cristologia, crer a partir da Cruz implica alinhar-se contra toda forma de crucificação.<sup>89</sup>

Desta forma, a alegria cristã se mostra tão profunda e resistente que se torna capaz de superar o sofrimento, na medida em que este é abraçado.<sup>90</sup> Pode-se afirmar, também, de acordo com a fé: “Toda tentativa de resolver o problema do sofrimento fora da atmosfera da vida eterna está destinada ao fracasso”.<sup>91</sup> A afirmação cristã de que a morte não tem a última palavra sobre a vida encontra-se, pois, no próprio núcleo da fé:

As humildes alegrias humanas, que se encontram ao longo de nossos caminhos, como sementes de uma realidade mais alta, são transfiguradas. Entretanto, aqui neste mundo, essa alegria incluirá sempre, de alguma forma, a dolorosa experiência da mulher a braços com os trabalhos do parto, e um certo abandono aparente, comparável ao dos órfãos: choros e lamentações,

---

<sup>87</sup> Ruiz de la Peña, *Teología de la creación*, p. 166-167.

<sup>88</sup> Ruiz de la Peña, *Teología de la creación*, p. 167-169.

<sup>89</sup> Ruiz de la Peña, *Teología de la creación*, p. 173.

<sup>90</sup> Dagnino, *Alegria*, p. 92.

<sup>91</sup> Dagnino, *Alegria*, p. 92.

enquanto que o mundo ostentará uma falsa satisfação. No entanto, a tristeza dos discípulos, que é segundo Deus e não segundo o mundo, virá a mudar-se repentinamente numa alegria espiritual que ninguém lhes arrebatará.<sup>92</sup>

A vida apostólica, neste sentido, é animada por um amor ao Senhor e aos irmãos e irmãs, “desenrola-se necessariamente sob a marca do sacrifício pascal, indo, movida pelo amor, até à morte, e pela morte passará à vida e ao amor”.<sup>93</sup> Assim, o Papa Francisco pode nos animar a contemplar Jesus feliz:

Contemple Jesus feliz, transbordante de alegria. Alegra-te com teu amigo que triunfou. Mataram o santo, o justo, o inocente, mas ele venceu. O mal não tem a última palavra. Na tua vida, o mal também não terá a última palavra, porque teu amigo que te ama quer triunfar em ti. Teu Salvador vive.<sup>94</sup>

Esta atitude cristã decidida de aceitar abraçar o sofrimento advindo do mistério do mal e de enfrentar corajosamente a ameaça constante da morte pode ser ainda vinculada ao atravessamento da descrença. “*A fé só poderá vencer a descrença abraçando-a*”, afirma o teólogo tcheco Tomáš Halík.<sup>95</sup> Tendo sido criado em uma sociedade comunista e ateia, o autor desenvolve uma produção muito fecundo sobre a questão do diálogo entre crença e descrença. Em sua concepção, é importante para o cristianismo considerar seriamente os questionamentos levantados pelos não crentes.

A leitura das obras de autores ateus – e li muitos deles – nunca abalaram demasiado a minha fé. Nos que são estúpidos e imbecis, aborreci-me ou, então, diverti-me com ironia; mas nos que são profundos e inteligentes, como Nietzsche ou Sartre, ou ainda inventivos como Freud, acatei com gratidão a crítica às formas atrofiadas da religião; não concordei quando eles absolutizavam a crítica e pretendiam assim dessacralizar a religião enquanto tal.<sup>96</sup>

Esta atitude decidida encontra-se enraizada na perspectiva de que a realidade está “*radicalmente aberta*”, e, por isso, somos chamados a manter nossas mente e corações abertos, atentos, em atitude de respeito ao Mistério, sem pretender invadi-lo, controlá-lo, submetê-lo ou

---

<sup>92</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 28.

<sup>93</sup> Papa Paulo VI, *Gaudete in Domino*, p. 28.

<sup>94</sup> Papa Francisco. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*: aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 73 [CV 126].

<sup>95</sup> Halík, Tomáš. *Paciência com Deus*: oportunidade para um encontro [2007]. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 60, grifo no original.

<sup>96</sup> Halík, Tomáš; Grün, Anselm. *Livrar-se de Deus? Quando a crença e a descrença se encontram* [2016]. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 48.

eliminá-lo:<sup>97</sup> “Deus e a ressurreição são *mistérios radicais*, que transcendem o horizonte e as possibilidades daquilo que nossa experiência, nossa língua, nossa lógica e nossa imaginação podem compreender”.<sup>98</sup> Nenhuma reflexão teológica ou imagem construída sobre a vida depois da morte é suficiente para esgotar o mistério da realidade preparada por Deus e que olho algum jamais viu, ouvido algum ouviu, mente alguma imaginou (cf. 1Co 2,9).

Enfrentar e atravessar as questões trazidas pelos pensadores que sustentam uma atitude de descrença parece ser um dos elementos que mobilizam articulações criativas formuladas por Halík. Dentre as várias elaborações, neste contexto, destaca-se aqui a seguinte questão: “A alegria de não ser Deus”.<sup>99</sup> De imediato, pode-se perceber um contraste radical com a promessa, no livro do Gênesis, da serpente, segundo a qual, ao comerem do fruto da árvore do bem e do mal, os seres humanos seriam como deuses (Gn 3,5). Por meio de sua escrita característica, em um estilo ensaístico que condensa teológica sistemática e narrativa testemunhal, o teólogo afirma sua alegria em aprender a largar alegremente as coisas, na medida em que se conscientiza de que uma pessoa humana não poderia ser tudo ao mesmo tempo, pois “só Deus é um ser que aplica plenamente todas as suas potencialidades”.<sup>100</sup> Em uma leitura interessante da exortação de Jesus a entrar pelo caminho estreito que leva à vida (cf. Mt 7,13-14), Halík afirma:

Deus vai tornando o meu caminho estreito, permitindo-me assim compreender (talvez) com maior precisão aquilo que Ele verdadeiramente quer de mim, aquilo que não posso delegar a mais ninguém: apenas ser Tomáš Halík. Porque se eu falhasse nisso, esse seria o único lugar que ficaria realmente vazio.<sup>101</sup>

Esta confiança da entrega encontra-se inextricavelmente conectada à fé em Deus: “Se estou plenamente convencido, com todo o peso da minha fé, que Deus é – e que desempenha bem a sua missão –, que alívio não ter de o substituir como um amador, de não ter de ser Deus!”.<sup>102</sup> Neste contexto, o autor concebe o sono enquanto exercício de preparação para a morte, no qual “treinamos para o momento em que todos teremos de libertar a nossa cabeça e as nossas mãos de tudo, deixando de controlar seja o que for”.<sup>103</sup> A alegria de dormir pode se

---

<sup>97</sup> Halík, Tomáš. *A noite do confessor: a fé cristã num mundo de incerteza* [2015(2005)]. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 105, grifo no original.

<sup>98</sup> Halík, Tomáš. *Toque as feridas: sobre sofrimento, confiança e a arte da transformação* [2008]. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 76, grifo no original.

<sup>99</sup> Halík, A noite do confessor, 96-111.

<sup>100</sup> Halík, A noite do confessor, p. 110.

<sup>101</sup> Halík, A noite do confessor, p. 110. Na sequência, o autor acrescenta uma anedota judaica que fundamenta sua afirmação: “‘Deus não te julgará por não teres sido Abraão, Moisés ou Sansão’, costumava dizer o rabino *hassidim* Mayer – e permitam-me que o repita: ‘Deus julgar-te-á sobre se, e em que medida, tu foste Mayer’”.

<sup>102</sup> Halík, A noite do confessor, p. 110.

<sup>103</sup> Halík, A noite do confessor, p. 110-111.

tornar, assim, um belo e libertador exercício espiritual de confiança em Deus, a quem se pode agradecer e entregar todos os atravessamentos realizados no enfrentamento do mal, da morte e da descrença. O fiel, deste modo, expressa a fé de que o Senhor não abandonará a obra de suas mãos, até completar aquilo que começou (cf. Sl 137[138],8):

É um alívio ser capaz de me deitar para dormir, depois de ter colocado o meu dia, mediante a oração, nas mãos de Deus, tendo-lhe restituído os que estão próximos e afastados de mim, e o meu dia de amanhã, sim, o mundo inteiro, incluindo a minúscula porção do mesmo que é confiada à minha responsabilidade. E também isso serei capaz de entregar plenamente a Ele. Que alívio, penso para comigo à beira do adormecer, quando “largo o mundo”; que liberdade, que alegria... eu não ser Deus!<sup>104</sup>

---

<sup>104</sup> Halík, A noite do confessor, p. 111.

## 5. Considerações finais

Ao invés de imaginar que seria possível abarcar a simplicidade e a complexidade do tema da alegria no cristianismo, este trabalho procura reconhecer os limites de um tema que pode ser considerado praticamente infinito. Antes de tudo, mostrando que a teologia bíblica nos oferece uma riqueza incalculável para os fundamentos desta alegria. Com efeito, o tema percorre todas as Escrituras, passando pelo Pentateuco, os Livros Históricos, os Livros Proféticos e Sapienciais, os Evangelhos Sinóticos e os Atos dos Apóstolos, as Cartas Paulinas e Apostólicas, assim como os Escritos Joaninos. Desde o Gênesis até o Apocalipse, a Bíblia desenvolve a temática da alegria, acompanhando a história da Revelação, desde a alegria adâmica de ser criado até a alegria crística de ser ressuscitado.

Os reflexos desta alegria iluminam sobremaneira a reflexão da teologia sistemática, que enriquece o diálogo entre a razão e a fé quando nos inspira a participar da alegria do Cristo de Deus e a participar da comunhão trinitária, celebrando a vida no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Alegria e teologia encontram-se a tal ponto articuladas que o teólogo evangélico Karl Barth pôde afirmar: “Quando se faz teologia, só se pode estar contente e feliz. Do contrário, não se é teólogo. Feições contrafeitas, pensamentos tristonhos e conversas enfadonhas são completamente inadmissíveis neste ramo do saber”.<sup>105</sup>

Procurou-se, ainda, abrir espaço para as ressonâncias da alegria na teologia pastoral, preparando um esboço de integração do tema, ainda que introdutório, entre as três áreas da teologia. Privilegiou-se, neste contexto, em primeiro lugar, o anúncio da alegria, especialmente naquilo que se refere ao trabalho de aproximar transcendência e imanência, o espírito e os sentidos corporais, a sublime alegria divina e as alegrias humanas sempre parciais. Em segundo lugar, destacou-se especialmente a alegria que consiste em transformar o luto em dança, na medida em que o fiel confia em Deus para atravessar as interrogações do mal, da morte e da descrença. A intenção do presente texto, neste sentido, afina-se muito mais a um convite para acompanhar o Senhor da alegria, partilhar deste dom ofertado pelo Cristo Ressuscitado (cf. Jo 15,11) e deixando-se guiar pelo Espírito Santo no caminho rumo ao Pai.

---

<sup>105</sup> Vanzan, Piersandro. Karl Barth. In: Borriello, Luigi; Caruana, Edmundo; Del Genio, Maria Rosaria; Suffi, N. *Dicionário de mística* [1998]. São Paulo: Paulus, 2003, p. 145.

## 6. Referências bibliográficas

Albuquerque, Bruno Pinto de. Uma luz no escuro: sobre alegrar-se com a fé em Deus no mundo contemporâneo In: *A alegria de ser amado: testemunhos dos jovens brasileiros que participaram do centenário do MEJ em Roma*. São Paulo: Loyola, 2016, p. 97-101.

Albuquerque, Bruno Pinto de. Angústia e amor na teologia e na psicanálise: Oskar Pfister e sua interlocução com Sigmund Freud. *Tese de doutorado* [Orientador: Sidnei Vilmar Noé; Co-orientador: Carlos Domínguez Morano, sj]. Universidade Federal de Juiz de Fora – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. Juiz de Fora, 2022.

Albuquerque, Bruno. A psicanálise em face do mal e da morte: algumas questões para a antropologia teológica. Trabalho apresentado no VIII Congresso da ANPTECRE – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião, 2021.

Albuquerque Bruno Pinto de; Bingemer, Maria Clara Lucchetti. New approaches on the dialogue between believers and non-believers in contemporary Europe. *European Academy of Religion 4th Annual Conference – Panel: Challenges and paradoxes of post-secularity in Europe: religious, social, and cultural transformations in a secular frame*. Münster, August 30<sup>th</sup> – September 2<sup>nd</sup> 2021.

Albuquerque, Bruno Pinto de; Bingemer, Maria Clara Lucchetti. A elaboração cristológica enquanto via para a Revelação Trinitária no Evangelho de João. *TeoPraxis*, v.1. Rio de Janeiro, 2021, p. 56-64.

Bíblia. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2010.

Bingemer, Maria Clara Lucchetti. A fé cristã na contemporaneidade: rumos e desafios. *Perspectiva teológica*, n. 41. Belo Horizonte, 2009, p. 345-374.

Bingemer, Maria Clara Lucchetti. *O mistério e o mundo: paixão por Deus em tempos de descrença*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. [English version: *The Mystery and the World: Passion for God in Times of Unbelief*. Cascade, 2015].

Bingemer, Maria Clara Lucchetti. Secularização e experiência de Deus. In: Bingemer, Maria Clara Lucchetti; Andrade, Paulo Fernando Carneiro de. (Orgs.). *Secularização: novos desafios*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2012, p. 105-138.

Bingemer, Maria Clara Lucchetti; Feller, Vitor Galdino. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas/Valencia: Siquem, 2009.

Bingemer, Maria Clara Lucchetti; Pinheiro, Marcus Reis (Orgs.). *Narrativas místicas: antologia de textos místicos da história do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2016.

Concílio Vaticano II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes: sobre a Igreja no mundo de hoje* [1966]. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

Dagnino, Amato. Alegria. In: Ancilli, Ermanno; Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum. (Orgs.). *Dicionário de espiritualidade*, v. 1 [1990]. São Paulo: Loyola, 2012, p. 90-93.

Damião, Sérgio Albuquerque. *Teologia da felicidade: deixar o amor curar o medo*. São Paulo: Loyola, 2022.

Estrada Díaz, Juan Antonio. *Las muertes de Dios: ateísmo y espiritualidad*. Madrid: Trotta, 2018.

García-Rubio, Alfonso. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2001.

Gastager, H. et al. *Dizionario pratico di antropologia pastorale* [1975]. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 1980, p. 476-480.

Gonzaga, Waldecir; Albuquerque, Bruno. A narrativa do sepulcro vazio e das aparições do Ressuscitado em João 20,1-31. In: Ulloa, Boris Agustín Nef; Araújo, Gilvan Leite de; Grenzer, Matthias. (Orgs.). *Anais do I Simpósio Paulista de Estudos Bíblicos*, 2021, São Paulo: PUCSP, 2021, p. 250-258.

Halík, Tomáš. *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro* [2007]. São Paulo: Paulinas, 2015.

Halík, Tomáš. *A noite do confessor: a fé cristã num mundo de incerteza* [2015(2005)]. Petrópolis: Vozes, 2016.

Halík, Tomáš. *Toque as feridas: sobre sofrimento, confiança e a arte da transformação* [2008]. Petrópolis: Vozes, 2016.

Halík, Tomáš. *Não sem esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas* [2009]. Petrópolis: Vozes, 2018.

Halík, Tomáš. *Quero que sejas: podemos acreditar no Deus do amor?* [2012]. Petrópolis: Vozes, 2018.

Halík, Tomáš. *O sinal das igrejas vazias: para um cristianismo que volta a partir*. Prior Velho: Paulinas, 2020.

Halík, Tomáš; Grün, Anselm. *Livrar-se de Deus?: Quando a crença e a descrença se encontram* [2016]. Petrópolis: Vozes, 2017.

Inácio de Loyola, Santo. *Exercícios espirituais*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

Léon-Dufour, Xavier; Duplacy, Jean; George, Augustin; Grelot, Pierre; Guillet, Jacques; Lacan, Marc-François. (Orgs.). *Vocabulário de teologia bíblica* [1970]. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

Lima, Maria de Lourdes. Alegria e riso em meio à fugacidade da vida: as perspectivas de Eclesiastes/Qohélet 2,1-2; 7,3-6; 10,19 e 11,7-10. *Teología y Vida*, v. 62, n. 2. Santiago de Chile, 2021, p. 159-175.

Martini, Carlo Maria. *Le cattedre dei non credenti* [Opere di Carlo Maria Martini; Fondazione Carlo Maria Martini; A cura di Virginio Pontiggia. Prefazione di Papa Francesco. Introduzione di Guido Formigoni]. 3. ed. Milano: Saggi Bompiani, 2016.

Papa Francisco. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013.

Papa Francisco. Carta Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

Papa Francisco. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia: sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.

Papa Francisco. Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate: sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018.

Papa Francisco. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit: aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2019.

Papa Francisco. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

Papa Francisco. *Carta sobre o papel da literatura na educação*. Vaticano, 2024.

Papa João Paulo II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici: Sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo* [1988]. 16. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

Papa Paulo VI. Exortação Apostólica Gaudete in Domino: sobre a alegria cristã [1975]. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2018.

Pfister, Oskar. *Christianity and Fear: a Study in History and in the Psychology and Hygiene of Religion* [1944]. London: George Allen & Unwin LTD, 1948.

Rahner, Karl. A exigência de uma “fórmula breve” da fé cristã. *Concilium – Revista Internacional de Teologia*, v. 3, f. 23, mar. 1967, p. 62-73.

Ridouard, André; Lacan, Marc-François. Alegria. In: Léon-Dufour, Xavier; Duplacy, Jean; George, Augustin; Grelot, Pierre; Guillet, Jacques; Lacan, Marc-François. (Orgs.). *Vocabulário de teologia bíblica* [1970]. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 21-25.

Ruiz de la Peña, Juan Luiz. *Teología de la creación*. 6. ed. Santander: Sal Terrae, 1988.

Rusconi, Carlo. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003.

Silva, Claudio Jacinto da. A alegria cristã: reflexão teológica sobre a alegria cristã a partir do Novo Testamento e da Exortação Apostólica “Gaudete in Domino” de Paulo VI. *Dissertação*

*de mestrado* [Orientadora: Maria Clara Lucchetti Bingemer]. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Departamento de Teologia. Rio de Janeiro, 1997, 144p.

Sudbrack, Josef. Gioia. In: Gastager, H. et al. *Dizionario pratico di antropologia pastorale* [1975]. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 1980, p. 476-480.

Susin, Luiz Carlos. Entre céus e terra, entre tempo e eternidade. In: *O tempo e a eternidade: a escatologia da criação*. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 15-37.

Tillich, Paul. *Dinâmica da fé* [1957]. São Leopoldo: Sinodal, 1974.

Vanzan, Piersandro. Karl Barth. In: Borriello, Luigi; Caruana, Edmundo; Del Genio, Maria Rosaria; Suffi, N. *Dicionário de mística* [1998]. São Paulo: Paulus, 2003.

Vincent, Albert. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1969.

Volk, H. Alegria. In: Fries, Heinrich. (Org.). *Dicionário de Teologia: conceitos fundamentais da teologia atual, volume 1* [Adão – Dogma]. São Paulo: Loyola, 1970, p. 51-56.

Zumstein, Jean. O evangelho segundo João. In: Marguerat, Daniel. (Org.). *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015, p. 437-470.